

ACOMPANHAMENTO DA TAXA DE CRESCIMENTO DE OSTRAS EM UMA ASSOCIAÇÃO DE OSTREICULTORES NO NORDESTE PARAENSE

Michelle Cristina Nunes Santos*¹, Andresa Barbosa Gouveia², Heliani Gabrielle Batista Belo³, Francisco José Costa dos Santos⁴, Léa Carolina de Oliveira Costa⁵

¹Tecnóloga em Aquicultura e Bolsista do CNPq; BR 316, Km 61 - Saudade II, Castanhal - PA, 68740-970, IFPA/Castanhal-PA/Brasil. (michelleaquicultura@gmail.com) ²⁻³Tecnóloga em Aquicultura; ⁴ Graduando do curso de Tecnologia em Aquicultura; ⁵Professora Ms. do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará/IFPA/Castanhal-PA/Brasil.

A aqüicultura surge num contexto de suprir as necessidades alimentares da população, ofertando produtos em curto prazo, além de gerar emprego e renda para pequenos produtores. Comparando a taxa de crescimento entre ostras de extrativismo e de cultivo verifica-se que ostras extraídas do meio natural demoram quase o triplo do tempo para chegarem ao tamanho comercial comparando-as com as de cultivo. Deste modo, o presente trabalho objetiva descrever a análise de crescimento das ostras feita durante um ciclo produtivo na comunidade de Santo Antônio de Urindeua, Salinópolis - Pará.

Os dados foram coletados através de visitas na comunidade, realizadas a cada 45 dias, de acordo com o calendário de atividades dos produtores (biometria), para acompanhamento do crescimento dos animais. Para acompanhar o desenvolvimento das ostras, faz-se necessária a realização de medidas biométricas (altura e comprimento). A medida acompanhada ao longo da produção em Santo Antônio de Urindeua foi apenas de comprimento, que são registrados e comparados para análise do crescimento ao longo do ciclo.

Na primeira biometria as ostras apresentaram o tamanho médio de $16.6 \pm 3,48$ mm. Na segunda biometria, com 45 dias de cultivo, chegaram a $31.9 \pm 11,11$ mm. Após 90 dias as mesmas passaram a ter 41.7 ± 9.85 mm de tamanho e 45.6 ± 9.70 mm com 135 dias de cultivo.

Verificando o crescimento da *C. brasiliiana* em duas regiões de Santa Catarina (Sambaqui e São Francisco do Sul), foi encontrado após 11 meses de cultivo tamanhos médios de $49,65 \pm 7,39$ mm e $61,98 \pm 13,04$ mm, para essas regiões respectivamente, enquanto que em Santo Antonio de Urindeua após 5 meses de cultivo, foram registrados tamanhos médios de $45,6 \pm 9,70$ mm, evidenciando o rápido crescimento nos canais de maré da região amazônica. Neste sentido, quando comparado ao extrativismo para a *C. brasiliiana* extraídas das raízes, onde encontrou comprimento médio de 50 mm em 18,5 meses. Essa característica possibilita que o produtor possa ter ostras de tamanho comercial (a partir de 60 mm) em menos tempo aumentando o número de ciclos por ano.

Palavras-chave: desenvolvimento, nordeste paraense, biometria.

